

TECENDO DIÁLOGOS: Imbricações entre o design, futuros e o pensamento decolonial

WEAVING DIALOGUES: The intertwining of design, futures and decolonial thinking

COMPARETTI, Natalie Davantel; Mestranda; Universidade de São Paulo

natalie.davantel@usp.br

SOUSA, Cyntia Santos Malaguti de; Doutora; Universidade de São Paulo

cyntiamalaguti@usp.br

Resumo

Diante das questões socioambientais históricas e contemporâneas, o design explora novos imaginários, criando tramas de conhecimento que não apenas enfrentam crises, mas também influenciam o que seriam outros modos de existir na sociedade. Neste tecido de saberes, o design realiza uma autoanálise de sua epistemologia e práticas. Este artigo tem o objetivo de compreender o estado da arte das pesquisas que relacionam os campos dos estudos de futuros e do pensamento decolonial ao design, bem como examinar como estes temas têm sido explorados e articulados. Para isto, realizou-se um estudo de reconhecimento apoiado por mapeamento sistemático, visando obter um panorama geral sobre o assunto. Os resultados revelam como autores e conceitos originários dos estudos de futuros e do pensamento decolonial estão sendo internalizados pelo design, indicando o surgimento de uma incipiente escola de pensamento que, até o momento, oferece dois caminhos para práticas projetuais e oportunidades para futuras investigações.

Palavras-chave: design brasileiro; futuros; pensamento decolonial.

Abstract

In the face of historical and contemporary socio-environmental issues, design explores new imaginaries, creating nets of knowledge that not only tackle crises, but also influence what would be other ways of existing in society. In this fabric of knowledge, design is self-analyzing its epistemology and practices. The aim of this article is to understand the state of the art of research that relates the fields of futures studies and decolonial thinking to design, as well as to examine how these themes have been explored and articulated. In this regard, a reconnaissance study supported by Systematic Mapping was carried out in order to obtain an overview of the subject. The results reveal how authors and concepts originating in futures studies and decolonial thinking are being internalized into design, indicating the emergence of an incipient school of thought that, so far, offers two paths for design practices and opportunities for future research.

Keywords: Brazilian design; futures; decolonial thinking.

1 Introdução

O design se insere entre os campos do conhecimento e prática profissional que compõem a complexidade do mundo contemporâneo, abrangendo tanto as aspirações do "porvir" quanto os processos históricos que delineiam características do pensar e fazer projetual, tecendo outros diálogos para lidar com suas próprias crises e as do mundo (Franzato, 2024). Nesta bem-vinda exploração, novas abordagens emergem, orientadas a produzir um novo imaginário de design e de país.

Amplamente debatido desde a implantação exógena do campo no Brasil, busca-se compreender o sentido e o papel do design brasileiro. Tais debates têm se evidenciado desde Aloísio Magalhães, que em seu discurso no Rio de Janeiro, na sede da Esdi – Escola Superior de Desenho Industrial – em 1977 provocou que o Desenho Industrial deveria compreender os elementos culturais, as distinções e as desigualdades do Brasil, até Anastassakis e Martins (2022, p.7) na mesma instituição, que exploram um design que rejeita a prática de projeto centrada no progresso desenvolvimentista, por meio do "reconhecimento de espaços de coexistência e diferença".

Neste processo sociocultural, decorrente do hibridismo cultural instaurado na América Latina, revela-se uma busca constante de preencher a lacuna existente entre o eurocentrismo imposto e as próprias raízes (Haesbaert, 2021), contexto no qual o design tem começado a explorar o pensamento decolonial, como uma abordagem capaz de criar novas perspectivas.

Nota-se que os temas futuros e decolonialidade, embora não sejam exatamente novos, têm assumido destaque na sociedade atual brasileira. Exemplos da área das artes, como o ciclo de exposições e cursos da Pinacoteca de São Paulo em 2024¹ ou da 35ª Bienal de São Paulo², ilustram a emergência do assunto. A intersecção entre os temas futuros e pensamento decolonial é exemplificada por Grada Kilomba, uma das curadoras da Bienal de São Paulo de 2023. Em entrevista ao programa *Roda Viva* (2024), refere-se a *bell hooks*³ ao destacar que "um dos grandes exercícios decoloniais não é opor dominância, é construir, criar algo novo".

Com o objetivo de compreender como o design tem explorado e incorporado estes temas, buscou-se, por meio de um estudo de reconhecimento, identificar estudos que abordem a temática, para verificar o estado da arte. Pretende-se, com os resultados obtidos, oferecer uma visão geral sobre as pesquisas em design, publicadas nos últimos dez anos no Brasil e no exterior, bem como caminhos para futuros estudos e práticas que dialoguem com o assunto.

2 Fundamentos teórico-conceituais

De acordo com o pesquisador Sohail Inayatullah (2007) os estudos de futuros ou

¹ Exemplos de programação apresentados pela Pinacoteca de São Paulo em 2024: exposição "Cecília Vicuña: Sonhar a Água - Uma Retrospectiva do Futuro", e curso "Criar em Ruínas: o Antropoceno, a Crise do Imaginário e a Produção Contemporânea". Ambos disponíveis nos *links*:

<https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/cecilia-vicuna-sonhar-a-agua-uma-retrospectiva-do-futuro/>
<https://pinacoteca.org.br/programacao/cursos/formacao/curso-criar-em-ruinas-o-atropoceno-a-crise-do-imaginario-e-a-producao-contemporanea/>

² 35ª Bienal de São Paulo, "Coreografias do Impossível". Disponível em: <https://35.bienal.org.br/>

³ *bell hooks* é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, uma das principais ativistas do feminismo negro estadunidense, com mais de 30 livros publicados. Seus estudos debatem as relações sociais opressivas na intersecção de raça, gênero e classe. Escreve-se com grafia minúscula como um posicionamento político da autora.

prospectivos podem ser classificados em quatro tipos fundamentais que, de preferência, devem ser combinados: (1) preditivo, de análise empírica; (2) interpretativo, por meio da compreensão de imagens do futuro; (3) crítico, sobre quem se beneficia de quais tipos de futuros; e (4) participatório, delineado com apoio de métodos de cocriação.

Os estudos de futuros não possuem acurácia preditiva, mas se preocupam em estudar as "imagens do futuro" (Dator, 2009, p. 6, tradução nossa) empregando, no desenvolvimento de cenários, uma ferramenta estratégica para tal. É também uma das formas adotadas para lidar com problemas complexos em processos de cocriação em design (Manzini 2017).

Estas visões e métodos, somados ao fracasso do modelo socioeconômico globalmente predominante em lidar com questões sociais e ambientais, têm sido alvo de críticas pela imposição de uma perspectiva eurocêntrica do mundo sobre populações fora do eixo dominante de poder, e de futuros que não reconhecem as diferentes culturas e realidades existentes. Como ilustra o filósofo brasileiro Ailton Krenak, "ao focarmos em um futuro prospectivo, acabamos construindo justamente aquilo que Chimamanda Ngozi nos recomenda evitar: um mundo com uma única narrativa." (Krenak, 2022, p. 97).

Em resposta a este futuro que reproduz os mecanismos de opressão atuais decorrentes de processos históricos, estaria a interface com o pensamento decolonial, com a característica de questionar, resistir e recusar a matriz colonial de poder estabelecida na América Latina (Oliveira; Lucini, 2021), em favor de outras narrativas.

O campo dos estudos decoloniais pode ser compreendido como um estudo marginal nas ciências sociais, "que claramente contém horizontes de utopia política e radicalismo intelectual." (Ballestrin, 2013, p. 109), originado por pensadores e pesquisadores latino-americanos integrantes do grupo Modernidade/Colonialidade (M/C)⁴.

A colonialidade, à qual os estudos decoloniais se opõem, começa a aparecer com mais frequência na pesquisa acadêmica com a categoria "colonialidade do poder", proposta na década de 1990 pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, da qual derivam posteriormente estudos sobre as colonialidades do ser, do saber, do gênero e da natureza (Quintero; Figueira; Elizalde, 2019). É descrita como as reverberações do processo de colonização ocorrido nos países da América Latina, que persistem nas esferas do cotidiano, mesmo após o encerramento da colonização (Quijano, 2000). Manifesta-se no contexto de "surgimento de um sistema inédito de dominação e de exploração social", baseado na racionalidade moderna, no eurocentrismo e na expansão do capitalismo (Quintero; Figueira; Elizalde, 2019, p. 5).

De acordo com levantamento realizado pelos autores Quintero, Figueira e Elizalde (2019), este campo de estudos, à época da publicação do artigo, percorria os caminhos do desenvolvimento teórico-conceitual por meio de estudos de casos e investigação histórica, reconhecimento do pensamento latino-americano e de modos de vida alternativos. Este último com o sentido de buscar "recriar suas estratégias e alternativas de sobrevivência" (Quintero; Figueira; Elizalde, 2019, p. 10). Ainda há casos de trabalhos que, embora não sejam explicitamente identificados como decoloniais, estão implicitamente relacionados, como de Arturo Escobar em seu livro *La Invención Del Tercer Mundo*, que "desconstrói o discurso do desenvolvimento a partir

⁴ Grupo estruturado ao longo da década de 1990 por intelectuais latino-americanos, cujos membros principais atuais são: Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Walter Dignolo, Immanuel Wallerstein, Santiago Castro-Gómez, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel, Edgardo Lander, Arturo Escobar, Fernando Coronil, Catherine Walsh, Boaventura de Sousa Santos e Zulma Palermo (Ballestrin, 2013).

de uma crítica radical da modernidade" (*ibidem*).

Contudo, a experiência específica brasileira de colonização portuguesa não é considerada em profundidade, assim como pesquisadores brasileiros no grupo não foram encontrados (Ballestrin, 2013). Segundo Ballestrin (2013, p.111), "alguns textos esbarram na romantização dos oprimidos e explorados, na apologia do sujeito autóctone/original, no desconstrutivismo paralisante e na saída do próprio campo científico que está em disputa". De fato, no Brasil, as experiências decoloniais antecedem à denominação do conceito pelo grupo M/C, como demonstrado nas obras de Paulo Freire - *Pedagogia do oprimido* -, de Abdias Nascimento - *O quilombismo* -, e de Lélia Gonzalez - *Amefricanidade*; assim como no perspectivismo ameríndio, concepção de Eduardo Viveiro de Castro e Tânia Stolze Lima (Portela, 2021).

Apesar de existirem divergências entre pesquisadores, compreender os efeitos da colonialidade nos países das Américas seria o passo inicial da decolonialidade. Neste processo, o sujeito colonizado entenderia os efeitos tardios da colonização e tomaria atitudes de recusa a este sistema (Oliveira; Lucini, 2021).

O design, campo naturalmente orientado ao futuro, seja pela atividade de criação, seja pela influência que exerce sobre o mundo (Simon, 1996; Margolin, 2007), também teve seu campo organizado pelas bases da modernidade e do capitalismo, mesmo diante dos confrontos às diretrizes que o estruturam (Nicoletti; Montuori, 2020). É nestes termos que os trabalhos mapeados neste artigo entrelaçam o design com o pensamento decolonial para imaginar futuros.

3 Procedimentos metodológicos

Com caráter exploratório, este artigo tem origem nos questionamentos iniciais de uma pesquisa de mestrado em curso, questionamentos estes que visam reconhecer o estado atual da pesquisa que se desenvolve na intersecção entre os campos do design, estudos de futuros e pensamento decolonial, com o intuito de identificar caminhos e posicionar futuras investigações nesta área. Para tanto, foi realizado um estudo de reconhecimento abrangente, beneficiado por um mapeamento sistemático (MS).

De acordo com Falbo (2015), um MS tem por objetivo revisar estudos primários sobre um tema amplo de pesquisa e oferecer uma visão geral de como o tópico está sendo investigado e, diferencia-se da revisão sistemática da literatura (RSL), por explorar uma maior quantidade de estudos, identificar categorias e tópicos para detalhamento futuro ou lacunas para a produção de estudos primários (Kitchenham et. al., 2011 *apud* Falbo, 2015).

As etapas principais de um MS compreendem o planejamento da pesquisa (definição do objetivo e questões de pesquisa, protocolo e teste de pesquisa), a condução da pesquisa de acordo com o protocolo definido e testado, que é concluído com a publicação dos resultados (Falbo, 2015), como explicitado a seguir.

3.1 Objetivo e questões de pesquisa

Para *oferecer uma visão abrangente da pesquisa que relaciona o design aos métodos dos estudos de futuros e à abordagem decolonial*, foram delineadas questões de pesquisa (Quadro 1) que orientaram as análises deste estudo de reconhecimento. Em conjunto, tais questões oferecem um panorama de como esses temas têm sido explorados e integrados nos estudos publicados no

campo do design.

Quadro 1 - Definição de questões de pesquisa

Questões de pesquisa (QP)
QP1. Quando e onde os estudos têm sido publicados, incluindo informações sobre a localização geográfica e a instituição de ensino?
QP2. Quem são os autores e orientadores dos estudos?
QP3. Quais são os autores de referência utilizados nos estudos?
QP4. Que métodos de pesquisa são mais prevalentes nos estudos?
QP4. Que tipos de contribuições têm sido feitas?
QP5. Quais abordagens e temas têm se destacado nos estudos?
QP6. Como a perspectiva decolonial tem influenciado as abordagens adotadas?
QP7. Quais os principais problemas e oportunidades identificados nos estudos?
QP8. Quais os principais resultados e conclusões apresentados nos estudos?
QP9. Quais possíveis lacunas os estudos pretendem preencher?

Fonte: elaborado pelas autoras 2024.

3.2 Protocolo de pesquisa

O protocolo de pesquisa descrito no quadro 2 apresenta os parâmetros utilizados nesta investigação, que incluem: as bases de dados utilizadas, os tipos de documentos pesquisados, as definições dos filtros de busca, as palavras-chave e os critérios de inclusão e exclusão. Destaca-se que foi realizado um teste do protocolo na base de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) para formular os ajustes necessários antes do início da etapa de busca, conforme sugerido por Falbo (2005).

Uma observação adicional e relevante em relação aos critérios de inclusão apresentados no quadro 2: o critério de inclusão 1 (CI1) considera os estudos que abordam diretamente a perspectiva decolonial, ou seja, aqueles que fazem o uso explícito do termo "decolonial" (ou, por vezes, "descolonial"). Por outro lado, o critério de inclusão 2 (CI2) abrange conceitos que podem ser considerados de natureza decolonial, mesmo sem o foco explícito na pesquisa.

Quadro 2 – Protocolo de pesquisa do MS

Bases de dados	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) Catálogo de Teses e Dissertações Capes Seleção de periódicos classificados com conceito Qualis A Capes
Tipos de documentos	Teses e Dissertações de Programas de Pós-Graduação em Design, <i>Stricto Sensu</i> Artigos publicados nos periódicos com conceito Qualis A, Capes selecionados.
Período	De 2009 a 2024
Idiomas	Português, inglês e espanhol
Palavras-chave	Design Antecipatório e possíveis variações. Prospectivo e possíveis variações. Especulativo e possíveis variações. Decolonial e possíveis variações. Descolonial e possíveis variações.
CrITÉrios de inclusão (CI)	CI1. O estudo discute a interseco entre design, estudos de futuros e perspectiva decolonial mencionada diretamente CI2. O estudo discute a interseco entre design, estudos de futuros e perspectiva decolonial relacionada indiretamente
CrITÉrios de exclusão (CE)	CE1. Estudos que não possuam resumo, publicados apenas como resumo, indisponíveis e/ou com acesso somente por meio da compra do texto CE2. Estudos duplicados CE3. Estudos relacionados a <i>foresight</i> , tendências ou cuja investigao esteja fora do espectro sociocultural do campo do design CE4. Estudos que não possuam como objeto central da pesquisa a relao entre design, métodos dos estudos de futuros e abordagem decolonial relacionada direta ou indiretamente

Fonte: elaborado pelas autoras 2024.

Os periódicos foram identificados com base na classificao da Capes para o quadrinio 2017-2020, reconhecidos com conceito Qualis A na área de avaliao em Arquitetura, Urbanismo e Design, identificados na área mãe deste mesmo campo. Dos 135 periódicos inicialmente identificados, 21 foram selecionados (Quadro 3) para realizao de busca manual em suas respectivas páginas na internet. Esta seleo baseou-se nas descrioes relacionadas ao campo do design, presentes no foco e escopo de cada periódico.

Quadro 3 - Periódicos selecionados

Qualis	Periódico
A1	<ul style="list-style-type: none"> Estudos em Design Design e Tecnologia Environment and Planning D: Society and Space
A2	<ul style="list-style-type: none"> CoDesign Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño y Comunicación Kepes PosFAUUSP Projetica Strategic Design Research Journal
A3	<ul style="list-style-type: none"> Anales del Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas Design Principles and Practices International Journal of Design Inmaterial E-Revista Logo Mix Sustentável The Design Journal She JI: The Journal of Design, Economics and Innovation V!rus
A4	<ul style="list-style-type: none"> Agathón DatJournal: Design, Art and Technology Journal of Design Research

Fonte: elaborado pelas autoras 2024.

3.3 Condução da pesquisa

Para a condução da pesquisa, foram definidas cinco associações de palavras-chave que compõem o *string* de busca, ou associações de palavras-chave, da pesquisa (Quadro 4).

Quadro 4 - Associações de palavras-chave

Ordem de busca	Associação de palavras-chave
1	design AND futur*
2	design AND antecipa*
3	design AND prospec*
4	design AND especula*
5	design AND (decoloni* OR descoloni*)

NOTA: antecipa* e especula* foram adaptadas para a busca nos idiomas inglês e espanhol

Fonte: elaborado pelas autoras 2024.

As buscas seguiram a sequência apresentada no quadro 4 e foram realizadas entre os dias

18 e 19 de março de 2024, inicialmente na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), seguidas pelo Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. A pesquisa nos periódicos selecionados ocorreu entre os dias 22 e 28 de março do mesmo ano, de acordo com sua classificação Qualis: A1, A2, A3 e, por último, A4. Para cada base de dados foi adotada uma especificidade de busca, mediante particularidades de cada plataforma, conforme o quadro 5.

Quadro 5 - Filtros de busca por base de dados

Base de dados	Filtros de busca
BDTD	Busca avançada nos campos "título", "assunto" e "palavras-chave"
Capes	Busca avançada nos campos "doutorado <i>stricto sensu</i> ", "mestrado <i>stricto sensu</i> " e área de conhecimento CNPq "Desenho Industrial"
Periódicos selecionados	Busca avançada nos campos "título", "resumo" e "palavras-chave"

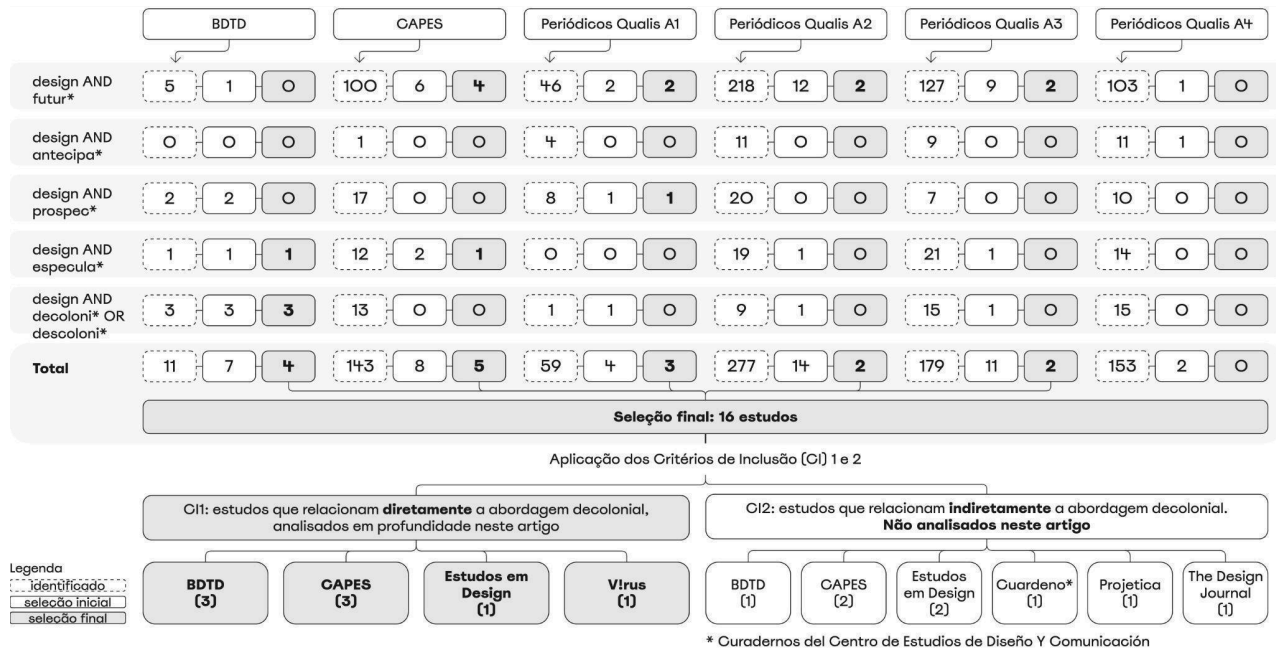
Fonte: elaborado pelas autoras 2024.

Dado o número significativo de resultados provenientes do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes sem relação com a busca, e intenção de obter resultados de pesquisa dentro do campo do design, optou-se, num primeiro momento, por restringir o campo de busca à área de conhecimento do CNPq denominada Desenho Industrial.

3.4 Processo de seleção dos estudos

O mapeamento resultou na identificação de 822 estudos, cuja seleção se deu em duas fases. Na etapa inicial, 46 estudos foram selecionados a partir da leitura dos títulos e resumos. Por fim, da leitura da introdução, procedimentos metodológicos, resultados e conclusões dos trabalhos, resultaram em 16 estudos preliminarmente selecionados para análise (Figura 1).

Figura 1 - Processo de seleção dos estudos



Fonte: elaborado pelas autoras 2024

Dentre os principais motivos de exclusão, destaca-se a pesquisa que não aborda a perspectiva decolonial, mesmo que indiretamente, bem como o uso da palavra "futuro(s)" fora do contexto dos métodos dos estudos de futuros.

Para a seleção, foram utilizados os critérios de inclusão (CI) e de exclusão (CE) descritos no protocolo de pesquisa do MS (Quadro 2). Para permitir comparações mais detalhadas, optou-se por dividir os estudos em categorias correspondentes aos Critérios de Inclusão (CI) 1 e 2. O quadro 6 apresenta os oito estudos selecionados, classificados na categoria CI1, que abordam explicitamente o termo "decolonial" nos estudos. Apenas eles serão analisados em profundidade a seguir.

Quadro 6 - Relação dos estudos selecionados (CI1), por ordem cronológica de publicação

-
- a CORRÊA, P. C. M. **Desobediência tecnológica e gambiarra**: o design espontâneo periférico como caminho para outros futuros. 2019. 132 p. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
-
- b MAGALHÃES, L. S. B. **Coleta de sementes nativas no Vão do Moleque, território quilombola Kalunga**. 2020. 156 p. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
-
- c BOTTER, F; FUKUSHIMA, K; GOGOLA, M. M. R. **Prospectando futuros para a educação superior no contexto pós-pandemia COVID-19**. Estudos em Design. v. 28, n. 3, p. 96-109, 2020.
-
- d ANCHIETA, C. **Design estratégico e afrofuturismo na busca por uma moda decolonial sustentável**. 2021. 165 p. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2021.
-
- e MICHELIN, C.; VASSÃO, C. A.; ARANTES, P. A. C. **Design Ecológico**: uma abordagem para descolonizar subjetividades. V!RUS. n. 23, 2021. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus23/?sec=4&item=5&lang=pt>. Acesso em: 27 Mar. 2024.
-
- f SILVA, S. B. e. **Design nas bordas**: juventude periférica, re-existências e decolonialidade em Belém do Pará. 2022. 198 p. Tese (Doutorado em Design) - Escola Superior em Desenho Industrial. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
-
- g PEIXOTO, P. A. **Formas de projetar futuros coletivamente**: o modo de viver das artesãs do Vale do Urucuia. 2022. 101 p. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade de Brasília, Brasília, 2022.
-
- h KAPLAN, L. **Amor, decolonialidade e autonomia**: contribuições metodológicas ao design estratégico na cocriação de cenários futuros para uma educação inclusiva e plural. 2022. 133 p. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2022.
-

Fonte: elaborado pelas autoras 2024.

4 Panorama geral dos estudos

Em um MS, há a expectativa de que os resultados "sejam sintetizados e apresentados na forma de tabelas e gráficos" (Falbo, 2015, p.22). No entanto, durante a categorização dos dados, foram identificadas conexões e uma lógica subjacente que, na perspectiva das autoras, mereceram realce em face dos objetivos do artigo. Por meio da visão geral dos estudos, foram destacados determinados aspectos que revelaram uma narrativa contributiva para a compreensão de diferentes influências e de algumas ênfases nos processos adotados pelos autores dos estudos analisados, os quais delineiam abordagens de design distintas para o mesmo tema de pesquisa.

4.1 Características gerais

Dentre os diversos enfoques que o design contemporâneo assume, a abordagem que possui orientação intencional para o futuro, especialmente aquela que se pretende, explicitamente, decolonial, é incipiente no cenário brasileiro de pesquisa em design. Os estudos selecionados (Quadro 7) foram publicados a partir de 2019, em sua maioria no âmbito de pesquisas de mestrado e concentrados em determinadas regiões do país, com notável ausência de estudos vinculados às instituições de ensino das regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Quadro 7 – Características gerais dos estudos selecionados (CI1)

Ano de publicação	Tipo de trabalho	Natureza da pesquisa	Instituição de ensino	Estado da instituição
h 2022	Dissertação	Experimental	Unisinos	Rio Grande do Sul
g 2022	Dissertação	Fenomenológica	UnB	Distrito Federal
f 2022	Tese	Experimental	Esdi	Rio de Janeiro
e 2021	Dissertação	Experimental	Unisinos	Rio Grande do Sul
d 2021	Artigo	Inquérito filosófico	UAM e IED	São Paulo
c 2020	Artigo	Experimental	UTFPR	Paraná
b 2020	Dissertação	Experimental	UnB	Distrito Federal
a 2019	Dissertação	Fenomenológica	UnB	Distrito Federal

Fonte: elaborado pelas autoras 2024

No geral, a intersecção entre os temas design, futuros e abordagem decolonial visa fornecer alternativas de design para lidar com os desafios sociais, seja em questões amplas como a educação ou com grupos socialmente marginalizados. Independente da área e enfoque do design adotado em cada estudo, o aspecto predominante é o social (Quadro 8).

Quadro 8 – Relação dos objetivos e objetos abordados nos estudos (C11)

Estudos selecionados	Objetivos de pesquisa	Objetos de pesquisa	Sub área do design
h 2022 Unisinós	Promover a imaginação de outros mundos para uma educação inclusiva e plural, por meio de processos do Design Estratégico.	Educadores de escolas públicas e privadas, de Porto Alegre, Santa Maria e Florianópolis.	Serviço
g 2022 UnB	Demonstrar que as artesãs da Cooperativa Central Veredas planejam que tipo de futuro querem para si ao projetarem alternativas para dar continuidade a tradição do artesanato que fazem.	Grupo de artesãs da Cooperativa Central Veredas no Vale do Uruçuaia, Minas Gerais.	Produto
f 2022 Esdi	Compreender em que medida o engajamento de designers em processos de emancipação agenciados por grupos socialmente oprimidos pode influenciar experiências de decolonização em design.	Jovens do Cine Clube Terra Firme na periferia de Belém, Pará.	Gráfico
e 2021 Unisinós	Entender como processos projetuais afrocentrados, inspirados pelo Afrofuturismo, podem ressignificar o mercado de moda sustentável.	Pessoas negras de SP, RJ, RS e BA relacionadas a ancestralidade, tecnologia, black money, design, futuro, aquilombamento e moda sustentável.	Moda
d 2021 UAM e IED	Propor caminhos decoloniais para a prática projetual do design a partir da subjetividade.	Não definido.	Não definido.
c 2020 UTFPR	Projetar futuros para a educação superior brasileira, a partir dos possíveis desdobramentos da Pandemia.	Educadores e estudantes do ensino superior público relacionados ao ambiente da UTFPR.	Serviço
b 2020 UnB	Refletir sobre o potencial do design na articulação entre pesquisadores e coletores de sementes nativas no território quilombola Kalunga.	Instituições de pesquisa e população quilombola Kalunga no Vão do Moleque, Goiás.	Gráfico
a 2019 UnB	Investigação sobre soluções projetuais intuitivas criadas por populações em resposta a situações de falta de recursos, conhecimento e/ou o ferramental tradicionalmente associado ao design.	Morro da Conceição, Rio de Janeiro e Brasília Teimosa, Recife com pesquisadores e designers locais.	Gráfico e Produto

Fonte: elaborado pelas autoras 2024

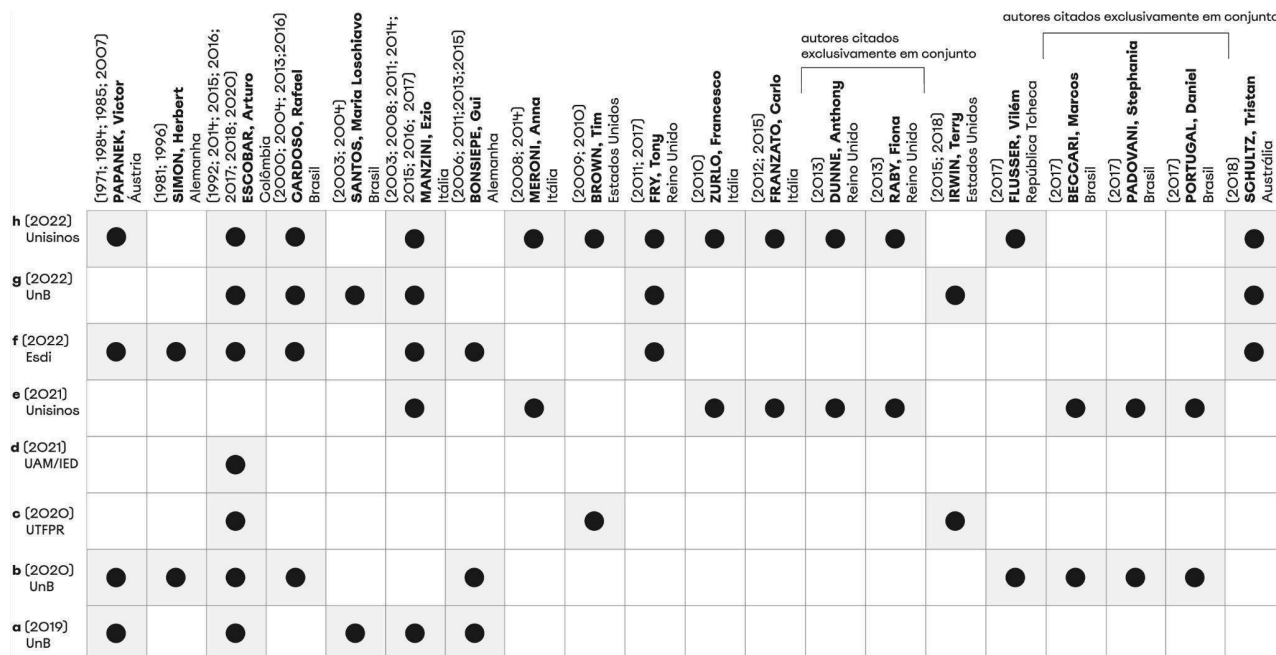
4.2 Diálogos intrínsecos no design

Na disciplina que surge "naturalmente interdisciplinar" (Magalhães, A. 1977, 1998, p.12) e

envolve diretamente duas abordagens não originárias de seu campo de saber, os pesquisadores precisam estabelecer novos diálogos para explorar o tema.

Os autores mencionados neste tópico foram selecionados com base em suas citações na fundamentação teórica presente nos estudos. A figura 2 destaca a linha do tempo dos autores referenciados, reconhecidos por seus trabalhos sobre o design, tendo sido incluídos apenas os autores citados em mais de um estudo.

Figura 2 - Linha do tempo de autores de design



Fonte: elaborado pelas autoras 2024

Destaca-se que alguns autores com recorrência de citação nos estudos não são designers, mas são incluídos nesta categoria de análise devido à importância de seus trabalhos no campo. É o caso da filósofa Maria Cecília Loschiavo dos Santos, professora doutora do departamento de design da Fau-usp, do filósofo Vilém Flusser e do economista Herbert Simon, ambos amplamente citados em discussões epistemológicas do design, assim como o sociólogo Arturo Escobar.

Em relação a Escobar, é evidente a expectativa de que seus trabalhos sejam citados nos estudos desta natureza, dada a relevância de suas publicações dentro da temática abordada. Destaca-se especialmente sua obra de 2018, *Designs For The Pluriverse*, considerada uma referência recente em teoria do design, que se supõe até mesmo ter inspirado alguns destes trabalhos. É surpreendente a presença quase unânime de obras de Escobar nas pesquisas.

Existe uma proximidade notável no compartilhamento de autores entre estes estudos, o que pode indicar uma embrionária escola de pensamento na pesquisa brasileira sobre este assunto. Além disso, algumas particularidades, oriundas das próprias instituições de ensino às quais estes estudos estão vinculados, podem influenciar a fundamentação teórica dos trabalhos.

Primeiramente, os estudos vinculados à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) têm como foco autores orientados ao design estratégico e design especulativo. Ambos foram orientados pela professora doutora Karine de Mello Freire, especialista reconhecida em design

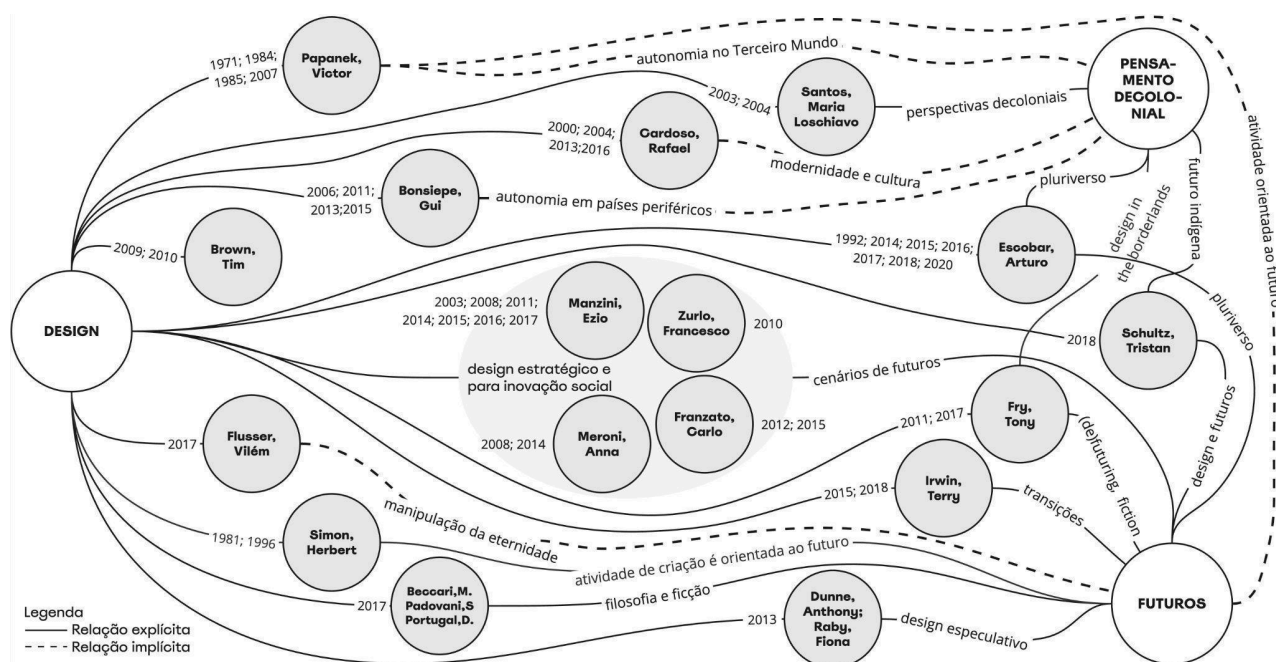
estratégico. Além disto, o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Design é o professor doutor Guilherme Englert Corrêa Meyer, que possui extensa pesquisa em design especulativo. A Unisinos conta com linhas e grupos de pesquisa voltados para o design estratégico e inovação social. Essas abordagens, em consonância com a definição do expoente Ezio Manzini, incorporam a utilização de cenários futuros como parte integrante de um processo de compartilhamento de visões de futuro, que visa abordar problemas complexos (Manzini, 2017).

A comissão de Pós-Graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), por sua vez, aprovou em 2020 a criação do programa de mestrado acadêmico em design prospectivo, ainda não ofertado aos estudantes. Já o Istituto Europeo di Design (IED) possui curso de extensão em *Future Studies*.

A Universidade Anhembi Morumbi (UAM) descreve no objetivo do Programa de Pós-Graduação em Design o propósito de estabelecer novos paradigmas no campo do design por meio da transdisciplinaridade. A Universidade de Brasília (UnB) mantém uma linha de pesquisa focada em design, cultura e materialidade, com ênfase em uma abordagem sistêmica e transdisciplinar. Entre outros objetivos, essa linha propõe o diálogo com a antropologia, por meio da etnografia (Maynardes et. al, 2020). Por sua vez, a Escola Superior de Desenho Industrial (Esi), unidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), dispõe de uma linha e grupo de pesquisa em design e antropologia (LaDA) e de laboratório em design e ficção (DEMO). Ambas as universidades estão engajadas em pesquisas que dialogam com o pensamento decolonial.

Assim como estas instituições incorporam a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade nas pesquisas em design, a maioria dos autores utilizados na fundamentação teórica dos estudos aborda de forma implícita ou explícita os temas futuros e decolonialidade, como demonstrado na figura 3.

Figura 3 - Autores de design e sua aproximação com a temática



Fonte: elaborado pelas autoras 2024

Este intercâmbio sobre os temas ocorre de diferentes maneiras. Ao considerar a figura 3 como uma espécie de rizoma temporal, permite-se entender que as pesquisas abordadas neste artigo são, de certa forma, evoluções do pensamento de seus antecessores.

Por exemplo, Victor Papanek, na década de 70, e Gui Bonsiepe, um pouco mais tarde, expressaram a ideia de que países como o Brasil, (considerados como *terceiro mundo* ou *periféricos*), deveriam ter um design com autonomia, reconhecendo e lidando com a cultura e os problemas locais, ao invés de importar modelos dos países *desenvolvidos*. Esta forma de pensar pode ser interpretada como uma maneira de abordar aspectos intrínsecos à oposição colonialidade/decolonialidade, antes do conceito ser formalizado. O design, como uma atividade intrinsecamente orientada para o futuro, foi problematizado implicitamente por Vilém Flusser e Victor Papanek, cada um à sua maneira. Mais recentemente, essas questões foram abordadas de forma direta pelo designer Tristan Schultz, referenciado nos três estudos de 2022.

Claramente, não se pretende reduzir os autores e seus trabalhos aos termos utilizados, para demonstrar suas relações com futuros e abordagem decolonial. Menos ainda se propõe estudá-los em profundidade, o que foge ao propósito deste artigo. A intenção da visualização dessas relações é demonstrar que surge um princípio de escola de pensamento no design, que se inspira no conhecimento que o antecede, na tentativa de abordar os problemas contemporâneos da sociedade na qual o design atua.

4.3 Diálogos extrínsecos ao design

Nesta interação entre temas tão amplos, o design transcende as fronteiras das Ciências Sociais Aplicadas, e busca referências em renomados autores de diversas áreas do conhecimento. Quase todas as áreas do saber, definidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), estão presentes nas citações, exceto a área de Engenharias. As Ciências Humanas, Filosofia, Sociologia e Antropologia, nesta ordem, são as disciplinas mais utilizadas nos estudos analisados.

A figura 4 representa os autores vinculados a outras disciplinas, frequentemente citados nos estudos (pelo menos em dois estudos). Neste gráfico apenas os autores considerados complementares, ou seja, aqueles não diretamente relacionados ao design e citados no corpo do texto da fundamentação teórica, estão representados. Apesar da grande variedade de autores distintos citados (por volta de 130 autores complementares), há pouca repetição nos estudos, como ilustra a figura 4. Uma vez mais, observa-se a proximidade do referencial teórico entre os estudos associados às mesmas instituições de ensino, e nos estudos publicados em 2022.

Figura 4 - Linha do tempo de autores de outras disciplinas

	[1979; 1981; 1996; 1997; 2000; 2001; 2004; 2005; 2010; 2013; 2014; 2016; 2017; 2018; 2019; 2021; 2022] FREIRE, Paulo Educação Brasil	[1981; 2000] BORDA, Orlando Sociologia Colômbia	[1988; 1996; 2005] SANTOS, Milton Geografia Brasil	[1992; 2005; 2014] QUIJANO, Aníbal Sociologia Peru	[1995; 2007] SANTOS, Boaventura Sociologia Portugal	[2001; 2008; 2010; 2011; 2015] MORIN, Edgar Antropologia, Filosofia, Sociologia França	[2003; 2005] HALL, Stuart Sociologia Jamaica	[2003; 2006; 2007; 2008; 2017] MIGNOLO, Walter Filosofia, Literatura, Semiótica Argentina	[2009; 2017] CUNHA, Manuela Antropologia Brasil	[2013] BALLESTRIN, Luciana Ciência Política Brasil	[2016] ACOSTA, Alberto Economia Equador	[2016] HARAWAY, Donna Biologia, Filosofia Estados Unidos	[2017; 2019] KRENAK, Ailton Filosofia Brasil	[2017; 2020; 2021] HOOKS, Bell Educação Estados Unidos	[2019] SVAMPA, Maristella Filosofia e Sociologia Argentina
h (2022) Unisinos	●	●		●		●					●			●	
g (2022) UnB	●			●				●	●	●	●		●		●
f (2022) Escl	●	●		●		●		●		●				●	
e (2021) Unisinos						●	●								
d (2021) UAM/IED			●		●							●	●		
c (2020) UTFPR					●										
b (2020) UnB	●				●		●		●		●	●	●		●
a (2019) UnB			●												

Fonte: elaborado pelas autoras 2024

Dentre estes autores, destaca-se Edgar Morin com foco no pensamento complexo, uma vez que o design que busca atuar de forma decolonial e com uma visão de futuro opera frequentemente de maneira sistêmica, no contexto da complexidade. Também merece destaque a utilização das visões latino-americanas de Maristela Svampa, bem como a contribuição de Ailton Krenak, que enfatiza que o futuro só é possível se for "ancestral" (Krenak, 2022). Dos autores integrantes do grupo M/C, Aníbal Quijano e Walter Mignolo possuem maior recorrência entre os estudos.

Ao reconhecer que o campo dos estudos de futuros tem início no desenvolvimento de técnicas de cenários de futuros após a Segunda Guerra Mundial (Sousa; Magalhães, 2018) e se desenvolve amplamente até os dias atuais, é interessante notar a ausência de menção a trabalhos de autores reconhecidos do campo como Jim Dator, *Alternative Futures* (1992); Peter Schwartz, *The Art Of The Long View* (1991); e Sohail Inayatullah, *Six Pillars* (1958), dentre outros.

Ademais, observou-se que, contrariamente ao esperado, a incidência da disciplina de História nos estudos é bastante reduzida, especialmente considerando-se que se tratam de trabalhos cujas discussões contemporâneas relacionam o entendimento de processos históricos e interpretação da noção de temporalidade. Como exemplo, o crítico teórico dos estudos pós-coloniais, Bill Ashcroft (2013), reflete sobre o imaginário produzido na literatura africana que se relaciona com a utopia "por meio de uma visão do futuro fundamentada em uma memória do passado" (Ashcroft, 2013, p. 99, tradução nossa).

Evidencia-se ainda a notável frequência das citações de Paulo Freire nos estudos, especialmente devido à quantidade de trabalhos consultados de sua obra. O autor é apontado como referência na maioria dos estudos, sendo associado ao conceito de autonomia para a abordagem decolonial nos trabalhos, como ilustra o quadro 9. A autonomia, conceito predominante nos estudos, é também associada ao colombiano Arturo Escobar.

Embora os estudos aqui analisados abordem o pensamento decolonial da perspectiva do Brasil, há alta incidência de autores da Colômbia e somente um estudo aborda a perspectiva ameríndia como conceito para a decolonialidade.

Quadro 9 – Conceitos e autores de referência para a abordagem decolonial

Estudos selecionados	Conceito para abordagem decolonial	Autores de referência
h 2022 Unisinos	<ul style="list-style-type: none"> Amorosidade / Sentipensar Autonomia 	<ul style="list-style-type: none"> Borda, Orlando (Colômbia) Escobar, Arturo (Colômbia) Freire, Paulo (Brasil)
g 2022 UnB	<ul style="list-style-type: none"> Autonomia 	<ul style="list-style-type: none"> Escobar, Arturo (Colômbia) Freire, Paulo (Brasil)
f 2022 Esdi	<ul style="list-style-type: none"> Ato Criativo Autonomia 	<ul style="list-style-type: none"> Achinte, Albán (Colômbia) Freire, Paulo (Brasil) Borda, Orlando (Colômbia)
e 2021 Unisinos	<ul style="list-style-type: none"> Afrofuturismo Quilombismo 	<ul style="list-style-type: none"> Womack, Ytasha (Estados Unidos) Nascimento, Abdias (Brasil)
d 2021 UAM e IED	<ul style="list-style-type: none"> Epistemologias do Sul Pluriverso Perspectiva Ameríndia 	<ul style="list-style-type: none"> Santos, Boaventura (Portugal) Escobar, Arturo (Colômbia) Jecupé, Kaká (Brasil) Kambeba, Márcia (Brasil) Krenak, Ailton (Brasil) Munduruku, Daniel (Brasil)
c 2020 UTFPR	<ul style="list-style-type: none"> Epistemologias do Sul <i>Transiciones</i> 	<ul style="list-style-type: none"> Santos, Boaventura (Portugal) Escobar, Arturo (Colômbia)
b 2020 UnB	<ul style="list-style-type: none"> Autonomia 	<ul style="list-style-type: none"> Escobar, Arturo (Colômbia) Freire, Paulo (Brasil)
a 2019 UnB	<ul style="list-style-type: none"> Autonomia Desobediência Tecnológica 	<ul style="list-style-type: none"> Escobar, Arturo (Colômbia) Oroza, Ernesto (Cuba)

NOTA: com ênfase em negrito os conceitos e autores que se repetem

Fonte: elaborado pelas autoras 2024

Cabe ainda uma pequena observação sobre um aspecto conceitual encontrado em dois trabalhos que empregam os termos "descolonial" e "decolonial" sem diferenciação explicitada. Nas variadas obras de referência que compreendem os estudos subalternos, pós-coloniais e decoloniais, o termo "descolonial" é empregado em oposição ao colonialismo⁵ enquanto "decolonial" contrapõe-se à colonialidade⁶ (Santos, 2018). Assim, embora a rigor, não sejam sinônimos, não há concordância entre os autores quanto ao uso dos conceitos (Quintero; Figueira; Elizalde, 2019, p.4).

⁵ Colonialismo se refere à dominação direta exercida pela Europa sobre os países de outros continentes (Quijano, 1992 *apud* Santos, 2018).

⁶ Colonialidade se refere à persistência das estruturas de poder colonial, mesmo após o término das administrações coloniais nos países que foram colonizados (*ibidem*).

4.4 Inter-relação aplicada: convergências e divergências

À luz da lógica identificada, que parte da escolha do referencial teórico e conceitos empregados nos estudos até as práticas projetuais neles detalhadas, observam-se semelhanças e diferenças que possibilitaram a divisão dos trabalhos em dois grupos, A e B.

No grupo A, composto por quatro estudos, observa-se que a proposta de design visa imaginar um novo futuro e desenvolver soluções ou ações a partir dessa visão coletivamente construída. Já o grupo B, composto também por quatro estudos, propõe a construção de um novo futuro a partir das práticas utilizadas no presente, que enfatizam a existência e a resistência. Coincidentemente, todos os estudos do grupo B utilizam o conceito de autonomia como abordagem decolonial.

As figuras 5 e 6 demonstram as características dos processos adotados em cada grupo por cada estudo, a fim de compreender suas semelhanças e diferenças. São comparadas as abordagens utilizadas para Design, Futuros e Decolonial, bem como aspectos relacionados ao projeto, como diretrizes, temporalidade, ferramentas, papel e protagonismo do designer, e os resultados obtidos pelos estudos.

Figura 5 - Grupo A

	e (2020) UTFPR	d (2021) UAM e IED	e (2021) Unisinos	h (2022) Unisinos
Design	Design Transicional e Prospectivo	Design Ecológico	Design Estratégico	Design Estratégico
Futuros	Cocriação de cenários	Cocriação de cenários	Cocriação de cenários	Cocriação de cenários
Decolonial	Epistemologias do Sul Transições	Epistemologias do Sul Pluriverso Perspectiva Ameríndia	Afrofuturismo Quilombismo	Amorosidade Sentipensar Autonomia
Diretrizes	Identificar o que existe (colonizado) e pensar alternativas a partir do Sul	Descolonização de subjetividades, a partir da identificação das raízes decoloniais	Descolonização do indivíduo, do individual para o coletivo, com respeito à identidade na diáspora	Foco no processo colaborativo, não no resultado, por meio do estímulo ao diálogo amoroso
Temporalidade	Presente/futuro 2050	Passado/presente/futuro Sem data estipulada	Passado/presente/futuro Sem data estipulada	Presente/futuro Sem data estipulada
Ferramentas	Workshop Reunião	Rituais como ferramentas (Sugerido, porém não testado)	Workshop de imersão no afrofuturismo e de ideação de cenário/solução	Workshop Troca de cartas
Resultados	Oito conceitos apresentados como fanzines, relatórios, cronogramas e contos literários	Indicativos para pensar o Design Ecológico, a partir da subjetividade indo-americana	Cenários de futuros Duas propostas de soluções	Narrativas elaboradas para a reflexão e não para solucionar problemas
Papel e protagonismo do designer	Facilitador Protagonismo médio	Facilitador Protagonismo médio	Facilitador Protagonismo médio	Facilitador Protagonismo médio

Fonte: elaborado pelas autoras 2024

Todos os estudos no grupo A aplicam os estudos de futuros ao design por meio da cocriação de cenários de futuros em *workshops*, cada qual com uma abordagem decolonial distinta. No entanto, as diretrizes de projeto enfatizam que é por meio da subjetividade, do indivíduo ao coletivo, que se dá o processo de decolonização do futuro.

Neste grupo o designer atua como facilitador do processo, que estimula a cocriação destas visões com os grupos escolhidos. Considera-se protagonismo adequado do designer no projeto como médio, em uma escala em que o designer não desenvolve sozinho as soluções (baixo), nem permite ao grupo sua ausência (alto).

Por outro lado, os estudos no grupo B exploram mais técnicas e ferramentas de atuação, para a autonomia e protagonismo dos grupos com os quais escolheram trabalhar, em um processo contínuo de práticas de diálogo e escuta, por vezes abdicando do próprio processo de projeto, como exemplificado pela autora de um dos estudos que conclui que "Não projetar era, portanto, uma atitude decolonial, de reconhecimento da alteridade do outro e de compreender que a mim não cabia definir o que era esteticamente adequado para o grupo" (Silva, 2022, p. 175).

Figura 6 - Grupo B

	a (2019) UnB	b (2020) UnB	f (2022) Esdi	g (2022) UnB
Design	Design Espontâneo	Design para Inovação Social	Design	Design Autônomo
Futuros	Mapeamento de cenários existentes	Práticas de existência no território	Compartilhamento de visões coletivas	Práticas de existência no território
Decolonial	Autonomia Desobediência Tecnológica	Autonomia	Autonomia Ato criativo	Autonomia
Diretrizes	História crítica, contar outros histórias sob outros pontos de vista e realizar autocrítica	Etapas de indução, dedução e abdução para a contextualização e estruturação de um conjunto de hipóteses direcionadas a soluções prospectivas	Decodificação da situação atual por meio de interações dialógicas, pesquisa participante, processo de aprendizagem coletivo	Observação de conceitos de comunalidade e relacionalidade a partir do território comum
Temporalidade	Passado/presente/futuro Sem data estipulada	Presente/futuro Sem data estipulada	Passado/presente/futuro Sem data estipulada	Presente/futuro Sem data estipulada
Ferramentas	Mapeamento dos cenários Representação cartográfica Identificação e comunicação de práticas	Interlocução entre os grupos	Atividades lúdicas Cartografia de expectativas Reuniões	Entrevistas
Resultados	Observação de fenômenos sociais que podem assumir um protagonismo como catalisador de mudanças sociais	Calendário de sementes	12 iniciativas de produção de narrativas contra hegemônicas e ações contínuas	Identificação de que, por meio da relação com o território, as artesãs criam seu modo de viver e planejam o futuro que querem.
Papel e protagonismo do designer	Observador e comunicador Protagonismo médio	Articulador e comunicador Protagonismo baixo	Articulador Protagonismo baixo	Observador Protagonismo baixo

Fonte: elaborado pelas autoras 2024

No comparativo entre os grupos, observa-se que o grupo A atua pontualmente com os atores, tendo sido necessário, em quase todos os estudos, que o designer estimulasse os atores, de alguma forma, para alcançar o resultado esperado. Por outro lado, o grupo B considera esse processo como contínuo, envolvendo uma atuação constante, que recebe estímulos dos atores.

Em relação à interpretação da temporalidade compreendida nos projetos, é interessante observar que o grupo A está orientado a um futuro linear, que decorre do passado-presente, enquanto o grupo B opera este futuro no presente, em que "sobreviver tem a ver com antecipar, com imaginar saídas possíveis para a vida, negociando, diante da vida mesma, as possibilidades de escape às ameaças que emergem" (Anastassakis; Martins, 2022, p.8). Nesta abordagem, a relação com o território é determinante no processo.

Em suma, observa-se dois caminhos explorados para o design que se pretende orientado a um futuro decolonial, com atuação no contexto sociocultural brasileiro. No primeiro, o designer estimula o pensamento coletivo de longo prazo, evidenciando questões a serem modificadas a partir do presente, oriundas de processos históricos que o constituíram. No segundo, o grupo age continuamente na elaboração de narrativas contra hegemônicas para fortalecer a resistência no território como prática de construção de existência neste futuro.

5 Considerações finais

Frente ao objetivo proposto neste artigo, *"oferecer uma visão abrangente da pesquisa que relaciona o design aos métodos dos estudos de futuros e à abordagem decolonial"*, realizou-se um mapeamento sistemático que buscou responder a nove questões de pesquisa (QP) a fim de reconhecer o panorama geral da pesquisa sobre o assunto, realizada no Brasil.

O tópico 4 deste artigo apresentou resultados relacionados a todas as QPs, sendo os tópicos 4.1 a 4.3 relacionados principalmente às QPs 1 a 3. O resultado, fruto de uma análise comparativa de uma categoria de estudos selecionados, revelou dois padrões de atuação para o design que dialoga com o campo dos estudos de futuros e o pensamento decolonial, a partir do início de uma escola de pensamento com compartilhamento de autores e conceitos.

A aplicação do referencial teórico nos estudos indica uma interessante relação com a temporalidade: um grupo de estudos vislumbra um futuro linear, enquanto o outro compreende um futuro de existência e resistência a partir do presente.

Entretanto, é importante destacar algumas lacunas identificadas para a consolidação da abordagem em pesquisas futuras. Em relação à abordagem decolonial, os estudos exploram possibilidades de decolonização, porém não está claro (1) quais aspectos específicos e tangíveis do pensamento decolonial estão sendo abordados, (2) quais efeitos da colonialidade estão sendo contrapostos e (3) quais as diferenças e similaridades em relação a projetos de design que já utilizam métodos com enfoque social.

O mesmo se aplica à intersecção com os estudos de futuros, que carece de um debate e exploração aprofundados sobre as visões de futuros: (1) o viés do imaginário produzido, seja utopia, distopia ou outro; (2) o juízo de valor nas definições do que é considerado um futuro melhor, preferível e/ou desejável; (3) a análise da implementação dessas visões; e (4) a interpretação da noção de temporalidade aplicada às técnicas projetuais.

Portanto, por se tratar de um tema de pesquisa recente e pouco explorado, há oportunidades para o desenvolvimento de novos estudos primários visando à elaboração epistemológica e prática. Especialmente na integração com os métodos dos estudos de futuros, na categorização e conceituação das práticas decoloniais e no desenvolvimento das visões de futuros que fazem oposição aos efeitos negativos da modernidade e do capitalismo em países latino-americanos, como o Brasil. Afinal, "como podemos deixar de olhar abstratamente para o futuro para realmente construir o futuro?" (Masini, 1982, p.5, tradução nossa). E que tipo de futuro seria este, desvinculado de uma perspectiva de progresso que, por natureza, é colonial?

Como parte de um projeto de mestrado em desenvolvimento, os resultados deste artigo oferecem subsídios para pesquisas futuras sobre o assunto. No entanto, é importante ressaltar que esta análise é limitada pelas escolhas de data de publicação e bases de dados. No momento da busca, as dissertações e teses de conclusão dos Programas de Pós-Graduação brasileiros de 2023 ainda não haviam sido publicadas, o que não descarta a possibilidade de que outros estudos adicionais possam revelar dados diferentes ou influenciar os resultados apresentados aqui.

Esta pesquisa conta com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

6 Referências

- ANASTASSAKIS, Z.; MARTINS, M. **Atos cotidianos de design**: fazer design sem projetar. In: 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design – P&D Design, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 26 a 29 out. 2022.
- ANCHIETA, C. **Design estratégico e afrofuturismo na busca por uma moda decolonial sustentável**. 2021. 165 p. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2021.
- ASHCROFT, B. **African futures**: the necessity of utopia. *International Journal of African Renaissance Studies - Multi-, Inter- and Transdisciplinarity*, v.8, p. 94-114, 2013.
- BALLESTRIN, L. **América Latina e o giro decolonial**. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, p. 89-117, mai./ago. 2013.
- BIENAL DE SÃO PAULO - **35ª Bienal de São Paulo**. (<https://35.bienal.org.br/>). Acesso em: 25 mai. 2024.
- BOTTER, F; FUKUSHIMA, K; GOGOLA, M. M. R. **Prospectando futuros para a educação superior no contexto pós-pandemia COVID-19**. *Estudos em Design*. v. 28, n. 3, p. 96-109, 2020.
- CORRÊA, P. C. M. **Desobediência tecnológica e gambiarra**: o design espontâneo periférico como caminho para outros futuros. 2019. 132 p. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- DATOR, J. **Alternative futures at the Manoa school**. *Journal of Future Studies*, v. 14(2), p. 1-18, nov. 2009.
- FALBO, R. de. **Mapeamento sistemático**. 2015. In: PBworks. Disponível em: (<http://claudiaboeres.pbworks.com/w/file/fetch/133747116/Mapeamento%20Sistem%C3%A1tico%20-%20v1.0.pdf>) Acesso em: 22 mar. 2024.
- FRANZATO, C. **Há design por vir?**: dos cenários do design e das ecotopias. *Arcos Design*. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 99-120, jul. 2024.
- HAESBAERT, R. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2021.
- INAYATULLAH, S. **Questioning the future**: methods and tools for organizational societal transformation. Taiwan: Tamkang University Press, 3.ed, 2007.
- KAPLAN, L. **Amor, decolonialidade e autonomia**: contribuições metodológicas ao design estratégico na cocriação de cenários futuros para uma educação inclusiva e plural. 2022. 133 p. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2022.
- KRENAK, A. **Futuro ancestral**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- MAGALHÃES, A. **O que o desenho industrial pode fazer pelo país?**: por uma nova conceituação e uma ética do desenho industrial no Brasil. 1977. *Revista Arcos*, v.1, p. 8-12, 1998.
- MAGALHÃES, L. S. B. **Coleta de sementes nativas no Vão do Moleque, território quilombola Kalunga**. 2020. 156 p. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- MANZINI, E. **Design, quando todos fazem design**: uma introdução ao design para a inovação

social. Tradução de Luzia Araújo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2017.

MARGOLIN, V. **Design, the future and the human spirit**. Design Issues, v. 23(3), p. 4-15, 2007.

MASINI, E. **Reconceptualizing futures: a need and a hope**. World Future Society Bulletin, p. 1-8, nov.-dez. 1982.

MAYNARDES, A. C; VIANA, D. M.; SIQUEIRA, N. M; QUEIROZ, S. G. **Design, cultura e materialidade**. Dat Journal, v. 5, n.3, 2020.

MICHELIN, C.; VASSÃO, C. A.; ARANTES, P. A. C. **Design Ecológico: uma abordagem para descolonizar subjetividades**. VIRUS. n. 23, 2021. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus23/?sec=4&item=5&lang=pt>. Acesso em: 27 Mar. 2024.

NICOLETTI, V. M.; MONTUORI, B. F. **Perspectivas decoloniais para um design pluriversal**. Revista do programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo da FAUUSP, v. 28, p. 1-13, 2021.

OLIVEIRA, E. de S.; LUCINI, M. **O pensamento decolonial: conceitos para pensar uma prática de pesquisa de resistência**. Boletim Historiar, vol. 8, n. 1, p. 97-115, jan./mar. 2021.

PEIXOTO, P. A. **Formas de projetar futuros coletivamente: o modo de viver das artesãs do Vale do Urucuia**. 2022. 101 p. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

PINACOTECA DE SÃO PAULO. **Cecilia Vicuña: sonhar a água - uma retrospectiva do futuro (1964...)**. (<https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/cecilia-vicuna-sonhar-a-agua-uma-retrospectiva-do-futuro/>). Acesso em: 25 mai. 2024.

PINACOTECA DE SÃO PAULO. **Curso criar em ruínas: o antropoceno, a crise imaginária e a produção contemporânea**. (<https://pinacoteca.org.br/programacao/cursos/formacao/curso-criar-em-ruinas-o-antropoceno-a-crise-do-imaginario-e-a-producao-contemporanea/>). Acesso em: 25 mai. 2024.

PORTELA, C. B. **A perspectiva decolonial no pensamento social brasileiro: pode a subalterna falar?** In: 45º Encontro Anual da Anpocs - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. GT 30 - Pensamento Social no Brasil, 19 a 27 out. 2021.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Buenos Aires, Argentina: 2005.

QUINTERO, P.; FIGUEIRA, P. e ELIZALDE, P. e C. **Uma breve história dos estudos decoloniais**. In: MASP Afterwall: 2019. (<https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-QE1LhobgtE4MbKZhc8Jv.pdf>). Acesso em 29 mar. 2024.

RODA VIVA. **Grada Kilomba**. In: Programa Roda Viva, Televisão Cultura, São Paulo, 13 mai. 2024 (<https://www.youtube.com/watch?v=up-F2PzfOLY>). Acesso em: 15 mai. 2024.

SANTOS, M. V. **Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência**. Psicologia & Sociedade, n. 30, p. 611-622, 2018.

SILVA, S. B. e. **Design nas bordas: juventude periférica, re-existências e decolonialidade em Belém do Pará**. 2022. 198 p. Tese (Doutorado em Design) - Escola Superior em Desenho Industrial. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SIMON, Herbert A. **The sciences of the artificial**. Cambridge, MA: MIT Press, 3. ed. 1996.

SOUSA, C. S. M. de; GUIMARÃES, M. E. A. **Cultura, consumo e materialidade:** perspectivas para o futuro a partir do design. In: 13º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design – P&D Design, Univille, Joinville, 5 a 8 nov. 2018.